

# O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico

*Tânia Porto Guimarães Veloso<sup>1</sup>;  
José Euclides Alhadas Cavalcanti<sup>2</sup>*

## Resumo

Este artigo busca identificar modalidades de práticas turísticas utilizadas na apresentação do patrimônio arqueológico tanto em outros países como também no Brasil. O mesmo discorre sobre o turismo arqueológico e algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico com finalidades turísticas, tendo em vista buscar o conhecimento sobre estas atividades e mostrar que o turismo arqueológico pode vir a ser utilizado na gestão do patrimônio arqueológico, no que diz respeito aos instrumentos de divulgação, promoção, sustentação e conseqüentemente de preservação.

Palavras-chave: Turismo arqueológico, Turismo cultural, Patrimônio arqueológico, Sítios arqueológicos.

## Abstract

This article aims at identifying the tourist activity as a way to present the archaeological patrimony in Brazil as well as in other countries. Brazil's archaeological tourism and some modalities of its archaeological patrimony were analyzed in order to demonstrate that the archaeological tourism can be used as an ins-

<sup>1</sup> Arqueóloga. Mestre em Turismo e Meio Ambiente. Centro Universitário UNA. Rua Aimorés, 1451, Belo Horizonte, MG. CEP: 30.140-071. E-mail: tanyortop@hotmail.com

<sup>2</sup> PhD, Professor do Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário UNA. Rua Aimorés, 1451, Lourdes, Belo Horizonte, MG. CEP: 30.140.071. E-mail: jose.cavalcanti@una.br

trument for cultural resource management, thus promoting dissemination, sustainability and preservation of national cultural heritage sites.

Key words: Archaeological tourism, Cultural tourism, Archaeological patrimony, Archaeological sites.

## Introdução

O turismo tem se configurado como uma das atividades econômicas que mais crescem na atualidade. Estimativas da Organização Mundial de Turismo indicam que até o ano de 2010 esta atividade deverá gerar cerca de oito trilhões de dólares, participando com 12,5% do PIB mundial (Goeldner et al., 2002). Este fator tem tornado o turismo uma atraente alternativa econômica, levando diversos países a tomar medidas institucionais e de infra-estrutura, com vistas a aumentar o número de visitantes.

A expansão do turismo moderno está ligada ao progresso econômico. Destacam-se as conquistas sociais e o aumento da renda salarial das populações a partir da década de 1950, além do desenvolvimento dos recursos tecnológicos como a Internet e dos transportes que contribuíram para o redimensionamento do turismo, que passou a ser objeto de atenção dos governos (Seabra, 2001; Ruschmann, 2001). Em consequência a esta expansão observa-se um aumento na demanda turística e na procura por novos destinos, o que tem levado a uma ampliação das diversas modalidades turísticas existentes. Constata-se que vários países, em busca do aumento do número de visitantes, procuram apresentar através de diferentes enfoques, produtos que vão desde o turismo praia-sol como também o turismo de eventos, o ecoturismo e o turismo cultural (Seabra, 2001).

O turismo cultural é uma modalidade de turismo que se concentra no patrimônio cultural de um país e de seu

povo, retratado em seus monumentos e sítios históricos, sua arquitetura tradicional, seus artefatos, eventos, realizações culturais e artísticas (OMT, 2003).

Segundo Gomez (2005) o patrimônio cultural contribui para a formação de destinos turísticos com identidade própria, dotando-os de um caráter diferenciador, em conformidade com os objetivos de singularidade e autenticidade buscados pela demanda.

O crescimento do turismo cultural também está associado ao crescente fenômeno da globalização que gera, pelo lado das culturas receptoras, a necessidade de redescobrir e fortalecer a identidade cultural como também de ressignificar seu patrimônio e, pelo lado dos grupos visitantes, o surgimento renovado do interesse pela cultura (Toselli, 2003). É crescente, ainda, o interesse da sociedade contemporânea pelo antigo e tradicional, entendidos como objetos de surpresa e diversidade dentro de uma variada oferta de destinos turísticos (Franco, 2000; Scatamacchia, 2005).

Em recente pesquisa encomendada pelo Ministério do Turismo, cujos resultados foram disponibilizados no site deste Ministério, em março de 2006, sobre a *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: Prodetur NE II e Prodetur Sul* acerca das preferências daqueles que viajam pelo país, indica que o turismo cultural está em terceiro lugar entre as preferências dos viajantes, só perdendo para o Ecoturismo e o Turismo de Aventura.

O turismo cultural tem procurado no patrimônio cultural uma nova fonte de atrativos turísticos visando não só atender a crescente demanda que se observa neste segmento, como também à formação de novos e diferenciados produtos. Neste contexto incluí-se o patrimônio arqueológico, pois este é parte integrante do patrimônio cultural de uma nação.

Mendonça de Souza e Souza (1981, *apud* Bastos, 2002) caracterizam o pa-

patrimônio arqueológico como *o conjunto de locais em que habitaram as populações pré-históricas, bem como toda e qualquer evidência das atividades culturais destes grupos pretéritos e inclusive seus próprios restos biológicos*. Segundo os autores, o Patrimônio Arqueológico é integrado não só por bens materiais, mas também, e principalmente, pelas informações deles dedutíveis, a partir, por exemplo, da sua própria disposição locacional, das formas adotadas para ocupação do espaço e dos contextos ecológicos selecionados para tal.

Em países como o México, Peru, Egito, dentre outros, o patrimônio arqueológico por ser composto por estruturas de alta visibilidade, tem atraído grandes fluxos turísticos de diferentes partes do mundo, através do turismo cultural e arqueológico, promovendo além da rentabilidade econômica, a conservação desse patrimônio.

No Brasil o uso do patrimônio arqueológico com finalidades turísticas ainda é incipiente se comparado a outros países e mesmo contando com um imenso manancial de sítios arqueológicos tanto pré-históricos quanto históricos, fato atestado por diversos autores como Funari (2003), Prous (1999), Guimarães (1999) e Morais (2003), percebe-se que no país, poucos são os sítios arqueológicos que apresentam projetos turísticos ou museológicos onde os vestígios arqueológicos podem ser observados e compreendidos através de informações e sinalização adequadas (Scatamacchia, 2005). Ainda conforme alguns autores acima citados, o turismo arqueológico pode ser um instrumento de revitalização do patrimônio arqueológico através de mecanismos de proteção, conservação e divulgação.

Objetivando sistematizar modalidades de práticas turísticas em sítios arqueológicos e contribuir na identificação de formas de apresentação do patrimônio arqueológico através do turismo, elaborou-se esse artigo. O mesmo fornece

dados de uma pesquisa sobre modalidades de apresentação desse patrimônio e os mecanismos adotados para a implantação de práticas turísticas sob a ótica da sustentabilidade.

## Aproveitamento turístico do patrimônio arqueológico

O aproveitamento do patrimônio arqueológico é prática recorrente em diferentes países e em muitos deles constituiu-se em uma fonte de recursos financeiros. Funari (2003) ressalta que este aproveitamento turístico não deve estar apenas ligado à ação econômica na acepção estreita e tradicional do termo, mas deverá estar pautado também em políticas culturais que busquem envolver as comunidades de forma a fazer com que os bens arqueológicos adquiram sentido para elas.

Para Fernandez (1999) cultura e patrimônio possuem um valor artístico-cultural e também um valor econômico. Segundo a autora, a utilização do patrimônio com finalidade turística gera diferentes atividades econômicas, divisas, empregos e pode ser utilizado em parte como estratégia para o desenvolvimento de uma localidade ou região. A valorização do patrimônio arqueológico por meio de projetos que busquem a conservação e sua exposição de forma controlada e a adoção de mecanismos de visitação monitorada, através do turismo arqueológico, podem auferir recursos que poderão ser revertidos para a sua conservação de forma sustentável e também incentivar a sua proteção, além de transformá-los em produtos turísticos de qualidade para o usufruto das comunidades onde se inserem e por turistas.

Conforme Bastos (2002) o turismo arqueológico de forma sustentável além de exigir constante manutenção da base dos recursos culturais arqueológicos procura, sobretudo, preservar o objeto de visitação e pode ser visto como uma alternativa de preservação que deve ser

levada em consideração sempre que possível, pois é fonte permanente de recursos, de empregos e de envolvimento comunitário.

## O turismo arqueológico: análise bibliográfica e crítica

Na realização deste trabalho utilizou-se de uma abordagem qualitativa na qual foram coletadas informações de dados secundários. Portanto, foi realizada uma pesquisa de gabinete que correspondeu a um levantamento bibliográfico e documental tendo como base bibliografias nacionais e internacionais relacionadas ao turismo, ao patrimônio cultural e arqueológico de relatos e experiências sobre práticas turísticas em sítios arqueológicos. Também foram levantadas informações pela Internet tendo como foco a busca de referências, conceitos e instrumentos existentes relacionados à temática.

A segunda fase deste trabalho refere-se à análise crítica das leituras teórico-metodológicas e do pensamento e opinião de autoridades sobre o assunto além da análise de experiências brasileiras e internacionais de práticas turísticas desenvolvidas em sítios arqueológicos abertos à visitação pública e que visaram identificar as diversas modalidades de apresentação de sítios arqueológicos praticadas na atualidade e que são apresentados a seguir.

Conforme Richards (*apud* Gastal, 2001) entre os produtos culturais mais utilizados pelo turismo, em primeiro lugar estão os sítios arqueológicos e museus.

Uma das primeiras áreas onde se identificou um potencial turístico refere-se ao patrimônio arqueológico e o monumental (Morales, 2005). Nesse sentido, na década de 1970, reconhecendo este potencial, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD

e o Banco Mundial criaram linhas de financiamento para a restauração e conservação de edifícios, cidades históricas e sítios arqueológicos. Como uma das conseqüências deste processo promoveu-se, na Europa, a reutilização de diversos espaços que acabaram por recuperar e revitalizar economicamente comunidades trazendo benefícios econômicos em função do valor turístico que o patrimônio passou a ter (Morales, 2005).

Outros países como o Egito, Grécia, México e Peru também têm no turismo cultural, onde o patrimônio arqueológico é o principal atrativo, uma fonte de renda gerada pela visitação de milhares de turistas a cada ano (Scatamacchia, 2005).

A busca por destinos diferenciados tem valorizado em vários países o turismo cultural e no âmbito deste, o turismo arqueológico que é uma modalidade de turismo cultural onde se apresentam propostas e ingredientes culturais e turísticos em que a Arqueologia é o ingrediente principal (Tresseras, 2004). Segundo este autor, o turismo arqueológico compreende propostas e produtos culturais e turísticos e engloba projetos de investigação arqueológica. Ainda, conforme ele, a valorização do patrimônio arqueológico tem permitido uma maior acessibilidade aos recursos ou vestígios arqueológicos tanto pelo mercado turístico interno de um país quanto pelo internacional.

Para Manzato o turismo arqueológico:

consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática (Manzato, 2005: 44).

Aliados à valorização do patrimônio arqueológico através da projeção social, educativa e cultural, estes projetos, têm permitido o acesso ao patrimônio arqueológico através de investimentos finan-

ceiros tanto para a criação de equipamentos museológicos ou renovação dos existentes como também para a musealização de zonas arqueológicas de superfície, do subsolo ou submersas.

De maneira clara, Tresseras (2004), comenta que na atualidade, na Espanha, tem-se criado produtos de todos os tipos para aproximar a arqueologia dos visitantes, ou seja, para oferecer produtos turísticos diferenciados onde a arqueologia é o principal atrativo.

#### Modalidades de Práticas Turísticas do Patrimônio Arqueológico

Em países como a Espanha, Portugal, Egito, México, Peru, Bolívia, Itália, Grécia e outros o turismo arqueológico é explorado, comprovando que iniciativas como estas podem se tornar uma alternativa para a geração de renda em função da visita anual de milhares de turistas.

Os produtos turísticos relacionados ao patrimônio arqueológico podem ser apresentados sob diversas formas tais como:

- Rotas temáticas;
- Espetáculos e celebrações de recreação histórica de caráter mais participativo;
- Apresentações de gastronomia como a gastronomia de povos antigos;
- Possibilidades de se alojar em hotel que conserva vestígios arqueológicos;
- Festivais de teatro clássico em sítios arqueológicos;
- Cine arqueológico;
- Comemorações associadas a personagens e acontecimentos;
- Sítios arqueológicos integrados às cidades Patrimônio da Humanidade;
- Arqueologia industrial que pode englobar visitas a minas e complexos minerários;
- Viagens temáticas;
- Visitas subaquáticas;
- Desenvolvimento, por empresas pri-

vadas de reconstruções históricas, de gostos, sabores e odores de qualquer época ou de transporte no tempo;

- Participação monitorada em escavações arqueológicas.

Já Murta e Goodey (2001) e Murta e Albano (2002), sugerem que a valorização do patrimônio com fins turísticos, no qual se inclui o arqueológico, pode ser feita através de trilhas, caminhadas, rotas, *tours* com guias, além da visita a museus locais e centros culturais. Os autores ressaltam que estes atrativos devem ser valorizados através da interpretação.

Além dessas, outras modalidades identificadas se referem à integração do patrimônio arqueológico a roteiros de turismo cultural através da visita a sítios arqueológicos ou a museus, com desdobramentos para a visita a monumentos e exposições especiais ou comemorativas (Scatamacchia, 2005:12-15), além de outras modalidades que se referem aos museus de sítio, aos parques arqueológicos, aos parques culturais, as aulas arqueológicas e o arqueobus, uma experiência inovadora que se descreve mais adiante.

#### Para Menezes o

museu não deve ser apenas um espaço evocativo e celebrativo da memória, mas deve motivar olhares interpretativos que permitam uma percepção e apreensão prazerosa dos objetos classificados tornando possível uma interpretação diversificada, transformando-se em um espaço de compreensão dos usos, práticas, técnicas, tecnologias, crenças e ritos de uma dada população (Menezes, 2004:90-92).

Nesse sentido, reconhece-se que os museus podem se converter em instrumento para fortalecer as identidades e a integração das comunidades e dos povos, promovendo a tolerância, o respeito mútuo e a aceitação da diversidade cultural (Vasconcellos, 2004).

Considera-se também que as exposições localizadas em museus, principalmente as permanentes, devem contem-



plar um discurso expositivo e outro educativo. O primeiro estruturado a partir do cotidiano dos grupos que vieram em épocas passadas e o segundo que procura debater e refletir sobre as formas de viver de cada grupo. Isto implica discutir aspectos do cotidiano dos grupos pré-coloniais e contemporâneos (moradores da região), aprofundando as possibilidades de reconhecimento e de criação com vínculos entre o passado e o presente, ampliando o sentido de pertencimento, além de refletir sobre temas apreendidos no passado pela Arqueologia, mas que podem ser transportados para a atualidade para serem problematizados. Recorre-se a recursos tradicionais de uma exposição – ilustrações, figuras, mapas, mas com linguagem moderna e estética simples e objetiva (Cury, 2005) e tornam-se acessíveis as coleções museológicas para um público cada vez mais amplo.

## A experiência brasileira

Em relação aos museus percebe-se que projetos arqueológicos recentes e que vêm sendo desenvolvidos no Brasil, têm contribuído para uma renovação da discussão sobre museus de arqueologia no país, principalmente no interior. Os museus gerados através destes projetos têm sido concretizados como elementos associados à pesquisa em desenvolvimento e em constante interação com a mesma. Além de propostas de divulgação dos objetos arqueológicos pesquisados, nestes espaços são realizadas também oficinas culturais, exposições itinerantes e o resgate das tradições e da história da região onde o sítio arqueológico está situado, abrindo as portas para ações educativas de preservação do patrimônio histórico-cultural e até geração de renda.

Como exemplo cita-se a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, na cidade de Nova Olinda interior do Sertão cearense, a 50km de Juazeiro

do Norte-CE e inserida na Chapada do Araripe, que é uma Reserva Florestal de Mata Atlântica formada pela Bacia do Araripe, ocupando uma extensão de 8000km<sup>2</sup> na região fronteiriça dos estados do Ceará, Pernambuco, Piauí e Paraíba. Rica em fósseis, reservas naturais, patrimônios culturais, a Chapada forma um caldeirão antropológico humano que resume a diversidade dos atrativos turísticos.

Segundo Limaverde (2005) a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri tem desenvolvido uma experiência que tornou-se um ícone turístico para a região. A Fundação Casa Grande é uma ONG que tem como missão educar crianças e jovens sertanejos em gestão cultural através de seus programas de memória, comunicação, artes e turismo. A mesma utiliza a arqueologia como ferramenta pedagógica e tem, através do Projeto *A Chapada do Araripe e seus sítios arqueológicos*, aproveitado o potencial turístico local. Nesse projeto, a Fundação em parceria com a comunidade autóctone desenvolve o turismo solidário com as pousadas domiciliares, onde as famílias dessas crianças e jovens são os principais beneficiados.

Por meio de aulas lúdicas de museologia e arqueologia os integrantes do projeto aprendem a recepcionar e conduzir pessoas interessadas para visita aos sítios arqueológicos, além de estudarem sobre a importância da conservação destes e do meio ambiente. Além disso, as pousadas domiciliares, administradas por uma cooperativa criada para tal fim, hospedam os turistas que vêm àquela região, promovendo a geração de trabalho e renda e conseqüentemente melhorando o nível de qualidade de vida das famílias locais.

Outra modalidade de prática turística identificada está relacionada ao museu de sítio arqueológico. Trata-se do próprio sítio arqueológico cujo material encontrado e estudado está exposto *in situ* através de projetos de exposição

permanente, devidamente sinalizada e interpretada de forma didática, permitindo não só a apresentação da cultura da população que habitava o local como também a compreensão dos achados que ali foram encontrados. Isto implica em dizer que estes museus deverão conter instalações e equipamentos necessários para sua visita e conteúdos programáticos que possibilitem a transmissão da história e facilitem a compreensão das comunidades humanas do passado a partir dos vestígios materiais deixados por elas. Tendo a arqueologia como centro irradiador, as exposições devem possuir elementos gráficos e de apoio integrados de forma harmoniosa ao discurso científico.

Nesse sentido destacamos a experiência do Museu de Sítio Arqueológico Praça do Sambaqui da Beirada localizado em Barra Nova, município de Saquarema, no Rio de Janeiro.

Trata-se de um museu de arqueologia ao ar livre, com área de 7000m<sup>2</sup>, cercada por tela aramada, que abriga um conjunto arqueológico e paisagístico de grande importância científica, cultural e turística e que tem por objetivo expor e preservar *in loco*, em espaço aberto à visita pública, testemunhos de um sítio arqueológico pré-histórico, descoberto por morador local e registrado no IPHAN em 1975, do tipo sambaqui, além da vegetação típica de restinga com espécies de valor alimentar e medicinal (Kneip, 1999).

Segundo Gaspar (2000), a palavra sambaqui, do tupi Tamba (concha) + Ki (amontoado), é a designação indígena para os amontoados de conchas que são locais de moradia de grupos humanos pré-históricos, geralmente no litoral, que viviam da pesca e coleta de moluscos, mesmo ocupando-se paralelamente da caça ocasional.

Pesquisado por arqueólogos, capitaneados pelas arqueólogas Lina Kneip e Filomena Crâncio, no decorrer de 1987, através do projeto de Pesquisa Pré-his-

tórica e Paleoambiente de Saquarema e de projeto de extensão denominado Preservação do Patrimônio Pré-histórico do Estado do Rio de Janeiro, do Museu Nacional, esse sítio arqueológico é composto por vestígios de antigas fogueiras, restos alimentares de moluscos e peixes, artefatos de pedra e três sepultamentos humanos e seus acompanhamentos funerários peculiares e que representam práticas funerárias existentes nas sociedades pré-históricas e a preocupação do homem com a morte.

Segundo Kneip (1999) o sambaqui da Beirada é formado por quatro camadas de ocupações datadas de 4520 ± 190 a 3800 ± 190 anos AP. A análise laboratorial do material exumado e a sua datação indicam que esse sítio constituiu-se em uma das ocupações humanas, mais antiga, registrada até o momento, para o Município de Saquarema – RJ.

A análise desse caso identificou as seguintes estratégias de apresentação do patrimônio arqueológico:

- i) o desenvolvimento de pesquisas por instituição governamental - Museu Nacional do Rio de Janeiro;
- ii) apresentação de vestígios *in situ*, para o público em geral, através de uma mostra arqueológica modular que expõem as evidências no plano vertical (pequenos perfis) e no plano horizontal (solos expostos pela decapagem). Segundo Kneip (1999), procurou-se mostrar aos visitantes, que o sambaqui é um antigo local de moradia de sociedades pescadoras, coletoras e caçadoras pré-históricas, onde o homem desenvolvia uma série de atividades domésticas, artesanais e cerimoniais;
- iii) proteção física da área arqueológica, que corresponde à área escavada do sambaqui. A área é cercada por toras de eucalipto tratado, sendo que os sepultamentos são cobertos por placas de vidro blindex incolor e a cobertura protetora permite aos vi-

- sitantes observar os vestígios. Além disso, os esqueletos humanos localizados foram protegidos com solução de resina e estão sendo gradativamente substituídos por réplicas confeccionadas em resina de poliéster;
- iv) área expositiva, que conta com placas informativas e placas explicativas;
  - v) desenvolvimento de ações educativas de Educação Patrimonial, através de palestras e encontros e de ações de envolvimento da comunidade. Essas ações são realizadas desde 1987 e estão apoiadas em fundamentos metodológicos e práticos que visam despertar na comunidade e no público em geral, a formação de valores culturais passados, além de informar aos visitantes sobre a riqueza da flora e fauna local;
  - vi) desenvolvimento de um plano de manejo que categorizou sua área interna (esta está dividida em três espaços, a saber: Zona 1 que corresponde à zona arqueológica; Zona 2, que abarca a zona primitiva ou melhor, original do sambaqui e a Zona 3, de uso intensivo), além de visitas guiadas e mediante agendamento e controle de visitantes que é feito através de registro em livro contendo nome, procedência e profissão;
  - vii) implantação de um Centro de Informação e Apoio ao Visitante com sala de vídeo, banheiros e loja de souvenir.

## Parques arqueológicos

Outra forma bastante expressiva de apresentação do patrimônio arqueológico está relacionada aos parques arqueológicos que podem ser definidos como:

Qualquer monumento, sítio ou conjunto de sítios arqueológicos de interesse nacional, integrado em um território que é marcado de forma significativa pela intervenção humana do passado; território este que integra e dá significado ao monumento, sítio

ou conjunto de sítios cujo planejamento e gestão devem ser determinados pela necessidade de garantir a conservação dos testemunhos arqueológicos aí existentes (Tresseras, 2004).

Conforme Bonano (2004), a palavra parque implica em

museologia ao ar livre com a apresentação para a apreciação por parte do público de uma peça ou coleção de peças do patrimônio arqueológico, dentro de uma paisagem aberta, mas cercada ou protegida de algum modo, onde a própria paisagem assume importância igual a do recurso arqueológico.

Os objetivos inerentes aos parques arqueológicos são os de proteger, conservar e divulgar o patrimônio arqueológico; desenvolver ações de salvaguarda dos valores culturais e naturais e promover o desenvolvimento econômico e a qualidade e vida das populações das comunidades onde ele se insere (Tresseras, 2004). Acrescentaríamos a estes um objetivo que Bonano (2004) considera como primordial: *fazer da Arqueologia algo mais significativo: uma experiência enriquecedora para o máximo do público possível. Segundo ele a humanidade tem direito a um passado significativo e este é justamente o papel social da arqueologia.*

Nesse sentido, os parques arqueológicos constituem-se em instrumento de proteção, gestão e difusão do patrimônio arqueológico onde a investigação arqueológica deve ser dotada de uma projeção social e oferecer possibilidades para o desenvolvimento local e regional especialmente através de iniciativas turísticas sustentáveis.

Na constituição de um parque arqueológico devem ser observados alguns critérios apontados por Tresseras (2004) tais como: ser um espaço ou zona arqueológica que apresente alto grau de interesse científico, educativo e histórico e declarada bem de interesse cultural juntamente com seu entorno. Deve ser considerado também o estado de con-



servação dos vestígios, que deverão estar em bom estado, com vistas à exposição ao público, além da infra-estrutura apropriada para a visitação. Bonano (2004) adverte que desde que os parques arqueológicos sejam criados para turistas ou para a comunidade local, deve-se considerar o impacto que estes exercem na comunidade receptora e no entorno e nesse sentido viabilizar projetos devidamente planejados que contemplem uma administração adequada e sustentável onde um plano de gestão é essencial.

Entende-se então que as áreas destinadas à constituição de parques arqueológicos deverão conter um ou mais sítios arqueológicos, além de possuir beleza cênica que permita a contemplação por parte de seus visitantes, sendo essencial que esses vestígios estejam devidamente interpretados com vistas a promover a compreensão por parte de quem os visita.

## Parques culturais

Tresseras (2004) aponta ainda outra categoria de parques, a dos Parques Culturais, que está relacionada à criação de áreas para abrigar zonas arqueológicas ou paleontológicas localizadas em paisagens singulares com formas de gestão diferenciadas. Nesse sentido podem ser entendidos como *o espaço que contém além dos elementos arqueológicos e paleontológicos, elementos significativos do patrimônio cultural integrados em um meio físico relevante por seus valores paisagísticos e ecológicos* conforme a Ley 4/1988 do Patrimônio Cultural Valenciano (Tresseras, 2004), ou ainda como na legislação andorrana que inclui além das zonas arqueológicas e paleontológicas, a categoria de paisagem cultural, que é definida como *uma obra conjunta do homem e da natureza que forma uma unidade coerente pelos seus valores estéticos, históricos e culturais* conforme a Ley 9/2003 do Patrimônio Cultural de Andorra (Tresseras, 2004).

Na realidade, esses são espaços que contém elementos significativos do patrimônio cultural integrados em um meio físico relevante por seus valores paisagísticos e ecológicos. Como exemplos (Tresseras, 2004) na Espanha podemos citar a criação de uma rede de parques na Galícia e a rede de parques arqueológicos de Castilha-La Mancha. A primeira está composta por quatro parques arqueológicos, um em cada província, e seus respectivos centros de interpretação em áreas de paisagem significativa e que compreendem o Parque Arqueológico do Megalitismo, o Parque Arqueológico da Arte Rupestre, o Parque Arqueológico do Mundo Romano e Parque Arqueológico da Cultura Castreña. A segunda abriga um conjunto de parques, a saber, o Parque Arqueológico de Segóbriga; o de Santa Maria de Abajo em Toledo e o de Alarcos na Ciudad Real que juntos, até setembro de 2004 receberam a visitação de cerca de 200.000 pessoas (Tresseras, 2004). Esta rede prevê ainda a incorporação de mais outros dois parques que são: o Parque de El Tomo de Minateda em Hellín (Albacete) e o de Recópolis em Guadalajara.

Para Tresseras (2004)

o futuro dos Parques Arqueológicos e de seu rol como instrumento de desenvolvimento socioeconômico deve estar associado ao turismo, sem esquecer da projeção social e de seu grau de vinculação à população local que deve considerá-lo como um recurso cultural e educativo antes de um recurso turístico.

## O Parque Nacional da Serra da Capivara

Esta é certamente a experiência nacional de maior destaque e referência e talvez paradigmática de um parque arqueológico. Situado na região semi-árida do Nordeste do Brasil, na porção sudeste do Estado do Piauí, o parque possui 129.140ha e um perímetro de 214Km, abrangendo áreas dos municípios de São

Raimundo Nonato, São João do Piauí, Coronel José Dias e Canto do Buriti, sendo o único Parque Nacional no domínio morfoclimático das caatingas. Possui também dentro de seus limites, cerca de 700 sítios arqueológicos já catalogados, a maioria de pinturas rupestres.

Com o duplo objetivo de proteger a fauna e a flora específica da caatinga e o patrimônio arqueológico pré-histórico do Brasil, o parque foi criado em 05 de junho de 1997, através do Decreto Federal nº 83.584. A área onde está inserido o Parque é objeto de pesquisa arqueológica desde a década de 1960, quando foi realizado estudo pela Missão Franco-Brasileira, que ressaltou a importância da região, atraindo a atenção de pesquisadores de todo o mundo. A partir da década de 1970, através do árduo e pioneiro trabalho da arqueóloga Niéde Guidon, a área vem sendo objeto de pesquisa, de estudos e preservação permanentes. Pela importância de seus sítios arqueológicos, foi inscrito na lista do Patrimônio Cultural Mundial, pela Unesco, em 1991.

A análise desse caso identificou como estratégias de gestão e apresentação do patrimônio arqueológico:

- i) a criação de uma fundação - Fundação do Homem Americano - FHU-MDHAN, para auxiliar na gestão e captação de recursos, estando dentro de suas prioridades a conscientização da comunidade e a busca de alternativas econômicas não predatórias, capazes de melhorar a qualidade de vida da população local;
- ii) a efetivação de parcerias entre órgão federal - IBAMA e a FUMDHAM para a administração do parque;
- iii) a realização de parcerias e convênios com outras entidades nacionais e internacionais (Itália e França) para a continuidade e aprofundamento das pesquisas arqueológicas e em outras áreas como a etnografia, antropologia, geologia, botânica e biologia;

- iv) a estruturação do local para a visitação pública composta por um Complexo Museológico (que abriga um Museu e um centro cultural), um Centro de Interpretação e uma infraestrutura receptiva bem estruturada onde se incluem instalações para portadores de necessidades especiais;
- v) acessos públicos, guardados por guardas com guardas permanentes;
- vi) 14 circuitos compostos por trilhas interpretativas completamente sinalizadas por placas indicativas e setas ao longo dos percursos;
- vii) 128 sítios arqueológicos preparados para receber visitantes, com infraestrutura de acesso, passarelas e corrimão, sendo um deles, o sítio Boqueirão da Pedra Furada, preparado para visitação noturna através de iluminação apropriada;
- viii) um palco para a realização de alguns eventos e teatro ao ar livre;
- ix) serviços de guias para turistas, com condutores oriundos da comunidade autóctone, treinados pelo Sebrae e cadastrados na Embratur, para acompanhamento de grupos com até 10 pessoas;
- x) a elaboração de planos de médio e longo prazos: um Plano de Ação Emergencial e um Plano de Manejo do parque com projetos de manejo da fauna e da flora, obras de infraestrutura tais como reservas construídas para água pluvial, além do estabelecimento de uma política de proteção que compreende a integração da população circunvizinha às ações de preservação. Desde a colonização, o Parque Nacional Serra da Capivara foi utilizado pelas populações vizinhas que nele caçavam, plantavam e retiravam a madeira. Essa população, extremamente pobre e sem nenhuma fonte de trabalho, além da exploração dos recursos naturais, vive na Área de Preservação Permanente, uma faixa limítrofe com dez quilômetros de largura;

xi) dentre as ações de preservação constatada ainda, a implantação de um programa de desenvolvimento econômico e social que tem por finalidade educar e preparar as comunidades para a inclusão social e produtiva. Esse programa contém projetos comunitários realizados nos arredores do Parque, ligados à apicultura, produção alternativa de alimentos, produção de papel e cerâmica artesanal, além de assistência à saúde pública e à implantação de quatro escolas rurais no entorno, que oferecem ensino básico, baseado em um programa de educação ambiental e conteúdos que atendem à legislação vigente. Além disso, há cursos para formação profissionalizante que promovem a instrução da população local, de modo que essa possa participar do novo mercado de trabalho que está surgindo na área de turismo ecológico.

## Experiências inovadoras

### Brasil

Cabe aqui lembrar uma experiência brasileira interessante de apresentação do patrimônio arqueológico e que está relacionada ao Arqueobus<sup>3</sup>. Apesar de não ter como objetivo principal o turismo, o Arqueobus tem se revelado como um atrativo nos lugares por onde passa, promovendo e divulgando o patrimônio arqueológico.

Trata-se de ônibus adaptado para ser um laboratório móvel, cujo principal objetivo é dar apoio para a empresa de consultoria arqueológica do arqueólogo Paulo Zanetinni que realiza trabalhos arqueológicos para órgãos públicos ou em projetos desenvolvimentistas (por exemplo: rodovias, barragens, etc). Ao mesmo tempo em que dá o suporte logístico, o Arqueobus serve para divulgar as

principais descobertas da arqueologia e fomentar diversas atividades educativas para populações das localidades, sobretudo, nas áreas onde as equipes do referido arqueólogo estejam trabalhando.

Idealizado por Zanetinni, o veículo já percorreu cerca de 15.000km pelo Brasil, parando em várias cidades, onde tem atraído multidões de até 5 mil pessoas por dia. Conforme Zanetinni comenta em sua entrevista, com o tempo, o veículo começou a atrair a atenção das pessoas aonde chegava tornando-se muito mais do que um laboratório de arqueologia móvel, transformou-se em um instrumento multimeio, para divulgar os principais trabalhos realizados por arqueólogos brasileiros. Referindo-se a recente pesquisa realizada em Campinas/São Paulo, o arqueólogo comenta que à medida que o material ia sendo desenterrado, o mesmo era mostrado ao público, chegando a atrair 1.500 pessoas por dia.

### Espanha

Outra modalidade de apresentação do patrimônio arqueológico refere-se às aulas arqueológicas que segundo Castaño (2006), na Espanha são espaços divulgativos localizados próximos a sítios arqueológicos e geralmente situados em prédios que se encontravam fora de uso. Segundo esta autora as aulas arqueológicas se caracterizam por sua curta duração, pelo protagonismo dos elementos visuais, aditivos e táteis e da ausência de um acervo próprio. Também não estão associadas a serviços de conservação, documentação e pesquisa de materiais originais. Ainda conforme a autora, as aulas têm como objetivos: complementar a atuação de museus, servir de explicação e preparar e provocar a visita a sítios proporcionando um melhor entendimento do patrimônio arqueológico.

<sup>3</sup>Informações obtidas em entrevista concedida pelo Prof. Dr. Paulo Zanetinni ao repórter Evanildo da Silveira do Jornal O Estado de São Paulo, em 24/01/2005.

Como exemplo cita-se a experiência de Illaregui (2004), cujos trabalhos de arqueologia, realizados pelo Departamento de Arqueologia de Valladolid, em uma área localizada em Herrera de Pisuerga, na comunidade de Castilha e Leon, produziram um aporte de informações fundamentais para o conhecimento científico e para o enriquecimento e compreensão da romanização da Espanha. Para difundir a informação histórica advinda das escavações arqueológicas, foi realizada uma série de aulas arqueológicas, através de uma didática focada nos diferentes segmentos da população. Dessa forma e segundo o autor, pretendeu-se criar a história e aproximar o patrimônio arqueológico do público através da implantação de um Centro de Interpretação dinâmico baseado na reconstrução de diferentes referenciais da vida das legiões romanas, naquela região.

Infere-se a partir dos exemplos estudados que para a elaboração de projetos e propostas de turismo arqueológico devem ser observados alguns quesitos tais como: a preparação dos sítios que contemplem ações de conservação; implantação de equipamentos para a recepção de visitantes; construção, reparação, adequação e sinalização de vias de acesso; qualificação de recursos humanos para o monitoramento dos sítios e atendimento ao público visitante; desenvolvimento de ações de educação patrimonial além de campanhas educativas e ações coordenadas de divulgação; formação e captação de parcerias público-privadas; desenvolvimento de pesquisas arqueológicas com rigor científico e de projetos arquitetônicos integrados e específicos para cada sítio. Além dessas, ainda elenca-se a ordenação legal de parcerias que envolvam a União,

o Estado e os Municípios; ações de mobilização que visem à formação de acordos, convênios e termos de cooperação que envolva os mais diferenciados atores e, por fim, o desenvolvimento de ações relacionadas às obras de infraestrutura e de saneamento básico que se fizerem necessárias ao local.

## Conclusão

O turismo arqueológico na atualidade é um dos segmentos do turismo cultural que tem mostrado um significativo aumento. Este crescimento pode ser percebido através da expressiva quantidade de práticas turísticas que procuram acercar a arqueologia do turismo e que vem sendo adotadas nos mais diferentes países, além do aumento de projetos de musealização de sítios arqueológicos que hoje estão disponíveis para a visitação em diversas partes do mundo.

O turismo arqueológico apresenta-se hoje como um importante veículo de desenvolvimento sócio-econômico em diversas localidades além de ser um potencial campo de pesquisas para o conhecimento das populações humanas do passado. Constata-se também que esse pode ser aproveitado como fonte de cidadania cultural.

Apesar do turismo arqueológico não ser amplamente difundido no Brasil e não estar consolidado em nosso país observou-se exemplos bem sucedidos e que certamente poderão ser tomados como modelos com vistas a contribuir para alavancar o crescimento e desenvolvimento desta atividade no país, tanto pela disponibilização de novos sítios para uma visitação controlada quanto pela adequação de outros tantos já existentes no território brasileiro.

## Referências Bibliográficas

- BASTOS, R.L. 2002. *Patrimônio, Arqueologia, Preservação e Representações Sociais: uma proposta para o país através da análise da situação do litoral sul de Santa Catarina. Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- BONANO, A. 2004. La gestión sostenible de los parques arqueológicos em destinaciones turísticas del Mediterráneo: el caso de Malta. In: *III Jornada sobre turismo e gestão do Patrimônio Arqueológico*. Barcelona: Fundación Abertis. Disponível em: <[www.fundacioabertis.org](http://www.fundacioabertis.org)>. Acesso em maio de 2005.
- CASTAÑO, A.M.M. 2006. A divulgação do patrimônio arqueológico em Castilha y Leon (Espanha): O desafio dos espaços divulgativos. *Revista de Arqueologia Pública*, São Paulo, n.1, p. 7-18.
- CURY, M.X. 2005. A Pesquisa de recepção de público do Museu Água Vermelha. In: *XIII Congresso Brasileiro de Arqueologia*, Mato Grosso: SAB. Anais. 1 CD.
- FERNANDEZ, M.D. 1999. A importância econômica del patrimônio cultural. In: JORGE, Vitor Oliveira (coord.) *Congresso de Arqueologia Pininsular, História, Teoria e Prática, 3º*. Portugal, ADECAP, v 1:162-165.
- FRANCO, A.M.B. 1999. El Gestor de Patrimônio in JORGE, Vitor Oliveira (coord). In: *Congresso de Arqueologia Peninsular, História, Teoria e Prática, 3º*. Portugal, ADECAP, v 1:156-159.
- FUNARI, P.P. 2003. *Arqueologia*. São Paulo, Contexto.
- GASPAR, M.D. 2003. *A Arte Rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GASTAL, S. 2001. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (org.). *Turismo Urbano*. 2º Edição. São Paulo, Contexto.
- GOELDNER, R.; RITICHIE, J. R.B.; MCINTOSH, R. 2002. *Turismo, Princípios, Práticas e filosofias*, 8º ed., São Paulo, Bookmann.
- GÓMEZ, M.R. 2005. Patrimônio y Turismo. In: *Congreso virtual perspectivas do turismo: La gestión del Turismo y sus problemáticas desde visiones sociales*. Ciudad Virtual de Antropologia y Arqueologia Naya. Disponível em: <[www.naya.org.ar/](http://www.naya.org.ar/)>. Acesso em maio de 2005.
- GUIMARÃES, C.M. 1999. Sugestões para uma política (urgente e de longo prazo) a ser adotada para o patrimônio Arqueológico de Minas Gerais. In *Seminário Gestão do Patrimônio Arqueológico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, IEPHA. (texto impresso).
- ILLAREGUI, E. 2004. Aula arqueológica de Herrera de Pisuegra-Palencia. In: *Boletín GC: Gestión Cultural: Turismo arqueológico, nº 9*, Disponível em: <<http://www.gestioncultural.org.br>>. Acesso 15/10/2005.
- LIMAVERDE, R. 2005. Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri: uma experiência de arqueologia e turismo beneficiando crianças e jovens adolescentes sertanejos na Chapada do Araripe/Ceará. In: *XIII Congresso Brasileiro de Arqueologia*. Mato Grosso: SAB. Anais, 1 CD.
- KNEIP, L.M. 1999. *Preservação e Proteção do Patrimônio pré-histórico de Saquarema/RJ*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, (texto impresso).
- MANZATO, F. 2005. *Turismo Arqueológico: diagnóstico em sítios pré-históricos e históricos no Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul, Universidade de Caxias do Sul.
- MENEZES, J.N.C. 2004. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte, Autêntica.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. 2006. *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: Prodetur NE II e Prodetur Sul*, site: [www.mtur.org.br](http://www.mtur.org.br), acesso em março de 2006.
- MORAIS, J.L. 2003. A Arqueologia e o Turismo. In: Funari, P.P., Pinsky, J. (orgs). *Turismo e Patrimônio Cultural*, 3º Edição. São Paulo, Contexto.
- MORALES, G.L. 2005. Patrimônio Cultural y Turismo. In: *Portal Iberoamericano de Gestión Cultural*. Disponível em: <[www.gestioncultural.or](http://www.gestioncultural.or)>. Acesso em junho de 2005.
- MURTA, S.M.; ALBANO, C. (org). 2002. *Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar*. Belo Horizonte, Editora UFMG e Terra Brasilis.



MURTA, S.M.; GOODEY, B. 2001. *Interpretação do Patrimônio para o Turismo Sustentado – um guia*. Minas Gerais, Edição Sebrae.

OMT. 2003. *Turismo Internacional: uma perspectiva global*. 2º ed. São Paulo, Bookman.

PROUS, A. 1999. Algumas considerações sobre as perspectivas da Arqueologia no Estado de Minas Gerais. In: *Seminário Gestão do Patrimônio Arqueológico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, IEPHA, (texto impresso).

RUSCHMANN, D. 2001. *Marketing Turístico; um enfoque promocional*. São Paulo, Papirus.

SCATAMACCHIA, M.C.M. 2005. *Turismo e Arqueologia*. São Paulo, Aleph.

SEABRA, G. 2001. *Ecos do Turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas*. São Paulo, Papirus.

TRESSERAS, J.J. 2005. Los Parques Arqueológicos y la apuesta por el desarrollo local y regional a partir del turismo. In: *III Jornada sobre Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico*. Barcelona, Fundación Abertis, Atas. Disponible em: < [www.fundacioabertis.org](http://www.fundacioabertis.org) >. Acesso em maio de 2005.

TOSELLI, C. 2003. Turismo Cultural, participación local y sustentabilidade: algunas consideraciones sobre la posta en valor del patrimonio rural como recurso turístico en Argentina in *Portal Iberoamericano de Gestión Cultural*. Disponível em <[http:// www.gestioncultural.org](http://www.gestioncultural.org) >. Acesso maio de 2005.

VASCONCELLOS, C.M. 2004. Museus, Turismo e Lazer: uma realidade possível in *Revista Eletrônica Patrimônio, Lazer e Turismo*, v.1. Disponível em: < [www.unisantos. br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=8](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=8), acesso em 18/02/2006.